



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANA LÚCIA CUNHA**

**A ARTE DO REPENTE:  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS REPENTISTAS JOSÉ LAURENTINO E  
IVANILDO VILA NOVA**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2014**

**ANA LÚCIA CUNHA**

**A ARTE DO REPENTE:  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS REPENTISTAS JOSÉ LAURENTINO E  
IVANILDO VILA NOVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, campus I, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em História.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE-PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na produção figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C972o

Cunha, Ana Lúcia

A arte do repente: memórias e histórias dos repentistas José Laurentino e Ivanildo Vila Nova [manuscrito] / Ana Lúcia Cunha. – 2014.

26 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, CEDUC, 2014.

“Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História”.

1. Repentista. 2. Memória. 3. História. 4. Repende. I. Título.


21. ed. CDD 869

ANA LÚCIA CUNHA

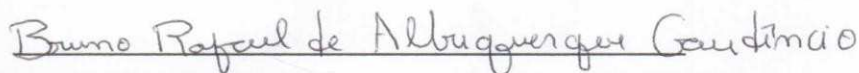
**A ARTE DO REPENTE:  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS REPENTISTAS JOSÉ LAURENTINO E  
IVANILDO VILA NOVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
História do Centro de Educação da  
Universidade Estadual da Paraíba UEPB,  
campus I, em cumprimento aos requisitos  
necessários para obtenção do grau de  
Licenciada em História.

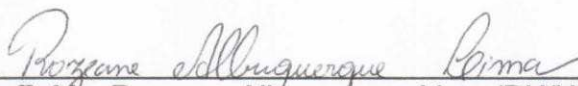
Aprovada em 09 / 12 / 2014.



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (DH/UEPB)  
(Orientadora – UEPB)



Profº. Me. Bruno Rafael Albuquerque Gaudêncio (DH/UEPB)  
(Examinador 1 – UEPB)



Profª. Me. Rozeane Albuquerque Lima (DH/UEPB)  
(Examinador 2 – UEPB)

CAMPINA GRANDE-PB  
2014

## RESUMO

Este estudo discute sobre o repente enquanto arte popular no contexto cultural nordestino e paraibano, a partir de reflexões sobre a memória e história de vida de dois dos repentistas mais aclamados na poesia do repente: Ivanildo Vila Nova e José Laurentino da Silva. O trabalho visa a valorizar a cultura do repente a partir da memória dos repentistas mais destacados nesta arte no estado da Paraíba e no contexto nordestino. A pesquisa tem por objetivo geral compreender a arte do repente a partir da discussão em torno da memória e história de repentistas nordestinos e sua trajetória artística. Trabalhamos com o conceito de memória em Le Goff (1990) e Halbwachs (1990). Utilizamos como metodologia a história oral temática e, como técnica, fizemos uso da entrevista semiestruturada. Os sujeitos de nossa pesquisa foram dois poetas repentistas. Este trabalho nos permitiu compreender a importância cultural dos repentistas, pois, através dos discursos e versos destes poetas, pudemos perceber o quanto a poesia do repente é importante para a nossa sociedade. Desse modo, a partir da fala dos poetas Ivanildo Vila Nova e José Laurentino, acreditamos que o repente pode encontrar formas e modos de se renovar no contexto da cultura popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Repentista. Memória. História. Repente.

## **ABSTRACT**

This study discusses about Brazilian musical art known as “repente” considered as folk art in Brazilian northeastern and cultural context. It is done from the reflections of two most acclaimed repente poets on memory and life history: Ivanildo Vila Nova and José Laurentino da Silva. This paper aims to value repente culture from such outstanding poets’ memory, considering repente art in Paraíba and in Brazilian northeastern context as well. The research has as an objective to understand repente art from the artists’ point of view, memory and history about their artistic career. We work with Le Goff (1990)’s and Halbwachs (1990)’s memory concept. We have used oral history methodology and technique in order to perform semi-structured interviews. Our research subjects were two repente poets. This work has allowed us to understand such poets’ cultural importance. Therefore, through their speeches and verses, we realize how important this kind of poetry for our society is. Thus, from Ivanildo Vila Nova’s and José Laurentino’s speech, we believe that repente poetry can find ways and means to renew popular culture context.

**KEYWORDS:** “Repente” poet. Memory. History. “Repente”.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b>	Ivanildo Vila Nova.....	<b>23</b>
<b>FIGURA 02</b>	José Laurentino da Silva.....	<b>26</b>

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	9
2.	MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE REPENTE E REPENTISTAS NO CONTEXTO DA CULTURA POPULAR.....	14
3.	NAS TEIAS DO REPENTE: HISTÓRIAS DE VIDA DE REPENTISTAS .....	22
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	27
	REFERÊNCIAS.....	27



**A ARTE DO REPENTE:  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS REPENTISTAS JOSÉ LAURENTINO E  
IVANILDO VILA NOVA**

Ana Lúcia Cunha

## 1. INTRODUÇÃO

Seu doutor, eu lhe convido com a alma e o coração  
Pro senhor passar com a gente os festejos do São João  
Vem comer pé-de-moleque, beber cachaça da boa.  
Vem olhar o balão que pelo espaço voa  
Deixando muita saudade no coração da pessoa  
(poeta Zé Laurentino)

Pelo baião de Gonzaga  
E a luta de Virgulino  
O barro de Vitalino  
Pelo menino de engenho  
Por isso tudo é que tenho  
Orgulho de ser Nordestino.  
(poeta Ivanildo Vilanova)

A cantoria, conhecida como repente, é uma arte poética musical comum no Nordeste brasileiro, sendo, portanto, uma prática cultural que faz parte da cultura popular nordestina e da memória e história deste povo. Estes poetas são chamados de cantadores, repentistas ou violeiros, atuando sempre em duplas. São produtores de uma forma de fazer cultura que, tomando aspectos do cotidiano como mote para suas canções, abordam o jeito nordestino de ser, mas também traduzem questões relativas ao cotidiano brasileiro de um modo geral.

Ressaltamos que a arte do repente tem grande importância para a cultura nordestina, atravessando gerações por se tratar de uma arte passada intergeracionalmente. Assim sendo, o repente encontra eco nas raízes familiares, primeiro nas rodas de viola da vida rural; depois, na vida urbana.

Este estudo tem por objetivo geral compreender a arte do repente a partir da discussão em torno da memória e da história de repentistas nordestinos e sua trajetória artística. Nossa proposta é discutir sobre a arte do repente e o trabalho dos repentistas a partir das memórias e histórias de vida destes artistas, no contexto da cultura popular. Como objetivos específicos, propomos mostrar a importância histórica do repente nas visões dos poetas e dos teóricos analisados neste estudo,

bem como refletir sobre o papel do repente no contexto da arte do repentista, enfatizando a dimensão histórica do seu trabalho.

A escolha do tema foi motivada pelo desejo de realizar um sonho de juventude, pois adorávamos ouvir e ler poemas e até tentávamos criar versos. Mas, como é uma arte, e nem todas as pessoas desenvolvem tais habilidades, nunca conseguimos realizar tal propósito. Depois da fase adulta, sempre tivemos acesso à cultura do repente, através da leitura de cordéis, de poemas em livros e até como espectadora de programas de rádio voltados para a cultura do repente.

Desse modo, o gosto por esta cultura, tão criativa e própria de nossa região, no nosso cotidiano, fez com que escolhêssemos a poesia do repente, porquanto esta integre o contexto em que vivemos, considerando que costumamos todos os dias ouvir as músicas de repentista. Assim, foi como admiradoras dessa cultura e de seus maiores representantes aqui na Paraíba, respectivamente, José Laurentino, mais conhecido como Zé Laurentino, e Ivanildo Vila Nova, que resolvemos trabalhar o tema abordado.

Os repentistas demonstram muita prática e agilidade em seu ofício, pois, além do desafio, existem as disputas pelo espaço no mercado de apresentações. Isto é, tanto nas rádios, quanto nas gravadoras e até nos espetáculos teatrais existe a disputa de espaço para a apresentação desta arte.

Como cantadores do povo e da cultura nordestina, os repentistas seguem sua expressão própria, as pelejas. Aqueles poetas que têm melhor situação econômica, conseqüentemente, terão mais acesso e oportunidades também nos eventos. Já os mais carentes, mesmo nos dias atuais, continuam cantando ou declamando e atuando na vida cultural.

Há também os que atuam na execução dos versos. Sua característica principal é o improvisado, ou seja, eles criam os versos no momento da apresentação. O que chama a atenção é que estes artistas conseguem dialogar poeticamente em apresentações que podem ter horas de duração, respondendo às estrofes do parceiro e aos pedidos dos ouvintes.

Verificamos, em nosso estudo, que há uma grande preocupação de alguns repentistas em manter a arte viva. Como enfatiza Ivanildo Vila Nova, “Não se ensina ninguém a ser poeta. Pode, sim, divulgar a arte nas escolas, ter uma disciplina, mas

jamais ensinar alguém a ser poeta” (informação verbal<sup>1</sup>). Entendemos que, por ser o repente uma habilidade própria ou repassada de pai para filho, como afirma o poeta, quando a geração de repentistas como os já citados não estiver mais entre nós, restarão apenas aqueles que resolveram dar continuidade à arte de seus pais e apresentam tal habilidade.

Destarte, acreditamos que tal temática seja significativa para os estudos e pesquisas históricas, pois os estudos em História precisam trazer para a sociedade trabalhos de pesquisa com temas como este, possibilitando o maior conhecimento desta arte, inclusive na escola. A partir daí, surgirá, talvez, algum talento escondido na área do repente, porque, muitas vezes, existem pessoas com gostos diferenciados, só precisando de uma oportunidade.

Nossa proposta é repensar o papel desta arte do repente na sociedade, no sentido de empreender discussões sobre o tema em questão, pois acreditamos que a sociedade brasileira, nordestina e paraibana precisam divulgar melhor esta cultura para que não se deixem morrer os valores culturais de um povo, como é o caso dos cantadores e declamadores, bem como sua trajetória artística. Nesse sentido, empreendemos, neste texto, uma discussão sobre a memória e a vida destes artistas, os quais muito têm para nos contar e contribuir com sua arte.

O referencial teórico deste trabalho se situa no campo da história cultural, a partir dos estudos sobre memória e história de vida dos repentistas. Neste estudo, privilegamos os artistas José Laurentino e Ivanildo Vila Nova, respectivamente, representantes nordestinos no universo do repente. Trabalhamos com os conceitos de memória a partir de Le Goff (1990) e Halbwach (1990).

A partir do estudo destes teóricos, elaboramos discussões sobre a memória e as histórias de vida dos artistas elencados, chamando a atenção para a arte do repente e de como os repentistas fazem uso do improviso no campo que esta poesia espelha. Le Goff (1990) busca reconstruir o conceito de História, abordando historicamente como este conceito foi concebido desde a Antiguidade Clássica, com Heródoto, passando pelas concepções de Santo Agostinho até a contemporaneidade, com Michel de Certeau, Marc Bloch e a Escola dos Annales.

---

<sup>1</sup> VILA NOVA, Ivanildo. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por Ivanildo Vila Nova sobre a arte do repente [17 nov. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

Esses pressupostos influenciaram seu trabalho histórico ao longo do tempo, explorando os termos história e memória. No âmbito desses conceitos, Le Goff (1990, p. 06) argumenta que

a ideia de história do homem foi substituída pela da história dos homens em sociedade. A ciência histórica se define em relação a uma realidade que não é nem construída nem observada como na matemática, nas ciências da natureza e nas ciências da vida, mas a qual se “indaga”, se “testemunha”.

Antes, o ser humano era pesquisado de forma individual, com a história e a memória também concebidas mediante uma perspectiva individual. Todavia, de acordo com as transformações sociais, com as relações e a convivência com outros seres humanos, essa realidade se torna mais social, mais coletiva. Assim, é possível entender quando, em sua obra, Le Goff (1990, p. 07) remete a memória ao álbum de família, assinalando que “cada família tinha um retratista” para poder, através das fotografias, guardar suas memórias de vida.

Logo, o indivíduo torna-se um ser mais social devido às transformações culturais gradativas do tempo, mesmo em se tratando de ciência, de narrativas ou de oralidade. Le Goff (1990, p. 09), então, estabelece o seguinte questionamento:

O tempo histórico encontra-se num nível muito sofisticado, onde o velho tempo da memória atravessa a história e a alimenta. [...] o antigo tornou-se sinônimo de superado (final do séc. XVII e primeira metade do século XVIII), e o moderno tornou-se sinônimo de progressista. Na realidade, essa ideia de progresso juntou-se com o iluminismo e desenvolveu-se no século XIX e início do século XX.

Tanto a história quanto a memória devem acompanhar o tempo e suas transformações, mesmo em se tratando de fatos históricos, nas mais diversas áreas da pesquisa, tendo como norma a verdade.

Discutimos, a partir de Freitas (2003), sobre a história oral como metodologia de pesquisa que contribuiu para captarmos as histórias vividas pelos poetas repentistas sujeitos de nossa pesquisa. A história oral nos deu possibilidade e indicativos, pois, através da metodologia por ela proposta, realizamos entrevistas gravadas com os poetas, entrevistas com pessoas capazes de testemunhar sobre

acontecimentos, instituições, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea.

Para Freitas (2003), a história oral como metodologia de pesquisa começou a ser utilizada nos anos de 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México. A partir de então, a referida metodologia se popularizou sobremaneira. “Após seu reconhecimento, ampliou-se cada vez mais, gerando pontes importantes entre seus adeptos: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos, dentre outros” (FREITAS, 2003, p.25).

Em nosso trabalho, as entrevistas de história oral serão tomadas como fontes principais para a compreensão do passado dos repentistas pesquisados, bem como imagens e outros tipos de registro. Além de tornar a entrevista um meio de investigação voltada para questões biográficas, memórias e até autobiografia, esta metodologia permite

[...] compreendê-los através das perguntas, situações e modos de vidas desses indivíduos, no grupo ou na sociedade em geral. Isso tornará o estudo da história mais relevante, facilitando a compreensão do passado pelas gerações futuras vividas pelos outros (BOSI, 1994, p. 59).

Em nossa pesquisa, foram feitas duas entrevistas. Os sujeitos participantes foram, respectivamente, José Laurentino da Silva e Ivanildo Vila Nova. A primeira entrevista foi realizada na residência do José Laurentino, no Bairro Presidente Médici, em Campina Grande-PB.

A outra entrevista foi feita no Hotel Central, em Campina Grande, porque Ivanildo Vila Nova ali estava hospedado para participar de um evento artístico na cidade. Foi através de um contato telefônico com o filho do poeta entrevistado que conseguimos realizar a entrevista. O poeta foi receptivo, respondendo de forma acessível e agradável a todas as nossas perguntas. Atualmente, ele reside na cidade de Gravatá-PE. Por isso, não foi possível o contato direto com ele naquela cidade.

As duas entrevistas foram gravadas com mais de duas horas de duração. As falas dos poetas foram transcritas e, posteriormente, retextualizadas. Em cada entrevista, tivemos o cuidado de mostrar como foram realizadas, bem como a

importância das suas narrativas para o nosso trabalho. As entrevistas são cruciais para a nossa pesquisa por se tratar da fonte relevante deste trabalho.

Inicialmente, foi feita uma pesquisa bibliográfica, caracterizada pelas leituras teóricas para subsidiar o trabalho. Através dos conceitos de memória, pudemos elucidar melhor o tema trabalhado, no sentido de discutir a importância desta categoria de análise para a compreensão da história da arte. O trabalho está organizado em três tópicos, através dos quais refletimos sobre a arte do repente e o trabalho dos repentistas, tendo como eixo norteador suas histórias e memórias de vida.

## **2. MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE REPENTE E REPENTISTAS NO CONTEXTO DA CULTURA POPULAR**

A história cultural é chamada de Nova História Cultural por conferir uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Isto não se trata do pensamento ou de se fazer uma História Intelectual, nem mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes. Vemos esse pensamento como uma nova forma de entender os rumos da cultura nas novas pesquisas históricas, abordando questões mais abrangentes e até mais globais. Pesavento (2008, p.18) enfatiza que

uma das características da história cultural foi trazer à tona o indivíduo como sujeito da História, recompondo histórias de vida e que, se as sensibilidades são a tradução das emoções, sensações e experiências dos indivíduos, cabe ao historiador buscar as evidências nas fontes.

Assim, entendemos que, nessa pesquisa, ao trabalhar com a oralidade, a sensibilidade poética e, ao mesmo tempo, com a memória, estamos consoante a proposta da Nova História, por se tratar de um tema atual e, ao mesmo tempo, abrangente. No caso das entrevistas, por exemplo, perpassamos por esses caminhos de narrativas e interpretações no âmbito da fonte oral.

Pesavento (2008, p. 76) mostra que “a história cultural não é mais considerada só como um lócus, seja na realização da produção ou da ação social, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão”. Ou seja, se o pesquisador está em busca de resignificação das representações passadas, como

no caso da nossa pesquisa, de acordo com o relato de um dos entrevistados, não há de fato ninguém da família que queira exercer ou dar continuidade à arte do repente. Então, fatalmente essa cultura estaria fadada à extinção. Não é, contudo, a mesma opinião de Ivanildo Vila Nova. Segundo o poeta,

Cantoria é uma coisa ativa e não passiva. É arte, comunicação, música, veículo de informação. Levou a informação onde não havia, atravessando costumes, gerações e séculos. Vejo a arte do repente não como uma coisa sazonal, folclórica. Cantoria é uma coisa que tem transformações, pois, todas as semanas, tem cantoria em todas as partes do Nordeste, nos nove estados. Em todas as manifestações locais, cantoria é oralidade (informação verbal<sup>2</sup>).

Vemos que o poeta em questão vai muito além, e acredita, sim, na continuação e renovação da arte do repente. Ele mesmo nos disse que fez vários trabalhos pelo Nordeste com os jovens; congressos, inclusive, com o objetivo de descobrir talentos e de transmitir para essa geração a importância de manter viva a cultura do repente.

Pesavento (2008) enfatiza que a arte é uma fonte importante, capaz de conceder ao historiador possibilidades na pesquisa em História. Portanto,

o que deve contar para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Porque a escrita é tomada a partir do autor e de sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo (PESAVENTO, 2008, p. 77).

Isto quer dizer que o historiador deve se debruçar e ressignificar também as sensibilidades, as razões e os sentimentos de uma época, sem sair, é claro, do sentido do tema escolhido para pesquisar. Desse modo, para Pesavento (2008, p.77), “captar subjetividade e sensibilidades é aquilo que mais busca a história cultural e, ao mesmo tempo, o seu maior desafio”.

No que se refere à memória, Le Goff (1990), em seus estudos, aponta que a memória é vista como um processo em que o ser humano busca indícios de um dado passado. Estes vestígios podem estar onde a sua fonte se encontra. Seja

---

<sup>2</sup> VILA NOVA, Ivanildo. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por Ivanildo Vila Nova sobre a arte do repente [17 nov. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

através da história oral ou na prática da pesquisa no âmbito da memória coletiva, não devem existir fronteiras para o pesquisador, nem tampouco este pode fugir da verdade do fato. Nesse sentido, Le Goff (1990, p. 366) argumenta que

os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, não são mais do que resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui.

Nesse diapasão, para Le Goff (1990), a noção de aprendizagem é importante na fase de aquisição da memória, quando é possível despertar o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória. Por isso, existiram, nas várias sociedades e em diferentes épocas, as mnemotécnicas, ou técnicas para a estimulação da memória. Uma vez interrogado, o indivíduo primeiramente pensa para então exteriorizar suas memórias. Le Goff (1990) mostra a importância que a memória adquire ao enfatizar que

o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. E que, no estudo histórico da memória, é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita, como também às fases de transição da oralidade à escrita (LE GOFF, 1990, p. 368-69).

Desta feita, como a memória pode estar ora em retraimento, ora em transbordamento, entendemos que, no momento de uma entrevista, por exemplo, o indivíduo pode ter um lapso de memória e não conseguir se lembrar de nada. Ao mesmo tempo, num segundo momento dessa mesma entrevista, o mesmo indivíduo, em sua consciência, poderá contribuir fundamentalmente com todas as lembranças que fizeram parte de seu passado.

Observamos, portanto, mudanças nos estudos históricos da memória. É possível perceber diferença tanto no estudo oral quanto no estudo da escrita, porquanto o indivíduo, no momento da entrevista, possa dizer algo que está em sua memória precisamente naquele instante. Já se formos ler a mesma coisa em um



texto escrito, por exemplo, provavelmente o que nele consta foi lembrado num outro momento de sua vida.

Para Le Goff (1990), a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar “identidade” individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. O autor especifica a questão da “identidade” e fundamenta o ethos do indivíduo na sociedade.

Assim, é possível depreender que, no mundo do repente, é fácil perceber a dominação da recordação e da tradição. Inclusive, um dos nossos entrevistados, José Laurentino, fez questão de afirmar que o trabalho da sua geração, de fato, desenvolveu-se de forma séria e importante, merecendo ser eternizado pelas outras gerações. Isto não quer dizer, entretanto, que a nova geração do repente não tenha um trabalho digno de nota.

Ao contrário, a nova geração tem, nos seus antecessores, inspiração e aprendizado suficientes para desenvolver profissionalmente futuros repentistas. Isto é, há aqueles que herdaram a arte do repente de seus pais e aqueles que têm o talento. Em ambos os casos, é necessária a oportunidade para poder exercer a arte do repente. Segundo Le Goff (1990, p. 412),

cabe aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua subjetividade científica.

Destarte, evidencia-se que os trabalhos científicos, de uma forma ou de outra, valem-se da memória coletiva, social, oral e escrita como forma de maior objetividade científica. Em tal conjuntura,

a memória, onde cresce a história, que, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. [...] devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p. 411).

Logo, o trabalho de pesquisa torna-se relevante para a sociedade, tendo em vista que o indivíduo tem no passado o suporte que dá sentido ao presente, ao futuro e, ao mesmo tempo, às suas histórias de vida. Corroborando as ideias de Le Goff (1990), através da memória, cresce a história. Assim, nosso trabalho deve ser

um benefício social e coletivo para o ser humano. Halbwachs (1990, p. 54) traz a seguinte reflexão sobre memória:

Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. Assim, minhas lembranças pessoais são inteiramente minhas, estão inteiramente em mim.

Ao entrevistar José Laurentino, por exemplo, suas expressões denotam essa individualidade:

Tive uma infância muito boa. Fui educado com respeito e religião. Meu pai era um homem analfabeto, mas me deu uma educação exemplar. Mesmo assim, casei-me com dezoito anos de idade. Tive oito filhos e fui muito feliz; nunca me arrependi (informação verbal<sup>3</sup>).

As memórias em questão são pessoais, individuais e familiares, carregando certas lembranças importantes de sua vida, as quais, para o poeta, são inesquecíveis e inteiramente suas, jazendo unicamente em sua memória. Halbwachs (1990) distingue as memórias da seguinte forma: uma interior ou interna e a outra, exterior. A primeira seria uma memória pessoal, enquanto a outra teria um caráter social.

Na concepção de Halbwachs (1990), a memória é definida como sendo autobiográfica e histórica. A primeira se apoiaria na segunda. Assim, na visão do autor, toda história de nossa vida faz parte da história em geral. No entanto, “a memória histórica seria bem mais ampla do que a memória autobiográfica” (HALBWACHS, 1990, p. 55-56). A respeito da história contemporânea, Halbwachs<sup>4</sup> faz sua interpretação da seguinte forma:

Mesmo quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do nosso círculo estreito de nossa família, da escola e de nossos amigos, e outra memória que chamaríamos histórica, onde não estaríamos

<sup>3</sup> SILVA, José Laurentino da. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por José Laurentino da Silva sobre a arte do repente [05 out. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

<sup>4</sup> Op. cit., p. 05.

compreendidos senão os acontecimentos nacionais que pudemos conhecer. E que não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória.

Desse modo, Halbwachs (1990) trata o assunto memória, separando as lembranças da infância, concentradas no contexto familiar, e a memória histórica, carregada de valores já enraizados na vida desse indivíduo, vividos de uma forma mais coletiva, como no caso de acontecimentos mais abrangentes. Por exemplo, no momento da entrevista com José Laurentino, foi possível perceber que há realmente uma diferença entre memória pessoal e memória histórica, a qual ficou evidente na seguinte narrativa do poeta:

Durante minha infância, minha mãe declamava cordéis para mim. Contava histórias dos grandes poetas (José Ataíde, Manoel Camilo e outros). Meu pai, todos os sábados, levava folhetos para casa para eu ler e me levava para conhecer o Sr. Manoel Camilo dos Santos (um poeta muito importante da época). Depois de me tornar profissional como poeta declamador, participei de vários programas de rádio pelo Nordeste. E de TV: no programa Raízes, na TV Record, com Saulo Laranjeira; Som Brasil, na TV Globo, e na rádio Bandeirantes se apresentou no Memorial da América Latina (informação verbal<sup>5</sup>).

A partir de seu relato, percebemos que o poeta ora menciona fatos relacionados à sua infância e juventude (o que se classificaria como a memória pessoal), ora fala de suas participações populares Brasil afora. Essas memórias já seriam compreendidas para além da memória histórica, enquadrando-se, de certa forma, como memória coletiva. Para enfatizar melhor esse pensamento, Halbwachs (1990, p. 82) assevera que,

por história, é preciso entender não uma sucessão de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e é da própria lembrança em si mesma, e em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica.

<sup>5</sup> SILVA, José Laurentino da. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por José Laurentino da Silva sobre a arte do repente [05 out. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

Assim, é possível compreender melhor a questão da memória através das histórias dos adultos, por exemplo, ao narrar histórias e memórias da infância, juventude e momentos diversos. Isto porque tanto o jovem quanto o adulto podem trazer à tona, em seus momentos de lembranças, acontecimentos de grande significação histórica, tanto individual quanto coletiva. Halbwachs (1990), ao refletir sobre memória, pontua que

a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta, porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram. E se a duração da vida humana for duplicada ou triplicada, o campo da memória coletiva, medido em unidade de tempo, será bem mais extenso. E que, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida (HALBWACHS, 1990, p. 83-84).

Em Halbwachs (1990), a memória histórica é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes na história de um país. O próprio termo “memória histórica”, desta forma, seria uma tentativa de aglutinar questões opostas. Mas, para entender em que sentido a História se opõe à Memória, para o autor, é preciso se ater à concepção de História por ele empregada.

Ou seja, a memória coletiva é pautada pela continuidade e deve ser vista sempre no plural (memórias coletivas). Entretanto, é justamente porque a memória de um indivíduo ou de um país está na base da formulação de uma identidade que a continuidade é vista como característica marcante. Desta feita, entendemos que a questão da memória é muito relevante para nossa pesquisa, conferindo ênfase total ao assunto e ao fato de que todas as memórias têm sua importância.

Então, por ser a memória algo coletivo e social é que, de fato, sempre estará diante de mudanças ou mesmo transformações, principalmente por se tratar de algo voltado mais para a natureza humana, sendo propensa tanto a surpresas quanto a esquecimentos. Neste sentido, Pollak (1989, p. 07) enfatiza que,

além do trabalho de enquadramento da memória, há também o trabalho da própria memória em si. E ainda mais, cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade da organização.

Isto representa uma disciplina da memória do próprio grupo. Conforme Pollak (1989), a mais legítima das memórias coletivas é a memória nacional. O autor assinala, em termos de memória, a função do não dito:

A mais legítima das memórias coletivas é a memória nacional. Essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombras, silêncios, “não ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente [...] são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos (POLLAK, 1989, p. 06).

Assim, fica evidente a existência de uma enorme variedade de interpretações da memória. No entanto, Pollak (1989) enfatiza a memória nacional, mas a coloca igualmente no quadro familiar e em grupos, por se tratar de lembranças transmitidas com conotações coletivas. Anteriormente, pontuamos a recorrência da expressão do não dito, dos silêncios, do obscuro. Esse aspecto pode até ser um pouco fragmentado numa entrevista, por exemplo.

É quando poderá, sim, ocorrer o deslocamento da informação, isto é, através de uma abordagem bem feita, o indivíduo poderá até transmitir mais abertamente suas memórias de vida, não importando se estas lembranças se refiram a qualquer momento vivido, seja em família, em um grupo grande ou pequeno, bem como em situação individual ou coletiva.

Nesse diapasão, Pollak (1989) tem razão, porquanto cada fonte possa se apresentar com uma realidade própria e individual no trabalho do pesquisador. O rumo histórico desse trabalho da memória, seja oral ou escrita, também se coadunará com a fonte e a importância conferida aos documentos e aos grupos envolvidos, mesmo que haja mais tendência para a memória individual. Bosi (1994) apresenta considerações importantes sobre a memória de velhos:

A memória permite a relação do corpo com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pelo passado, não só vem à tona das águas presentes, como também empurra, desloca, ocupando o espaço todo da consciência. A

memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46-47).

Como nossa pesquisa trabalha com a história oral e a memória, o pensamento de Bosi (1994) se adéqua aos nossos propósitos, pois, nas nossas entrevistas, as lembranças vêm à tona nas narrativas dos poetas de forma a contribuir para a compreensão de suas vivências e experiências. Ao mesmo tempo em que ocorre esse deslocamento de lembranças, ora ativo, ora reflexivo e até mesmo, como menciona Bosi (1994), invasor.

### 3. NAS TEIAS DO REPENTE: HISTÓRIAS DE VIDA DE REPENTISTAS

O trabalho dos poetas Ivanildo Vila Nova e José Laurentino da Silva é importante para a sociedade englobar a poesia, a música e a arte da viola como referências para a nossa cultura. Para o repentista Ivanildo Vila Nova, essa referência é crucial por levar as pessoas a apreciar a cantoria. Porém, de acordo com o poeta, o repente seria para poucos:

Se tiver 100 pessoas numa cantoria, são cem pessoas inteligentes. Vejo a arte do repente como algo muito importante para a sociedade. O trabalho do repentista não é uma coisa sazonal, como carnaval, Natal, São João. Não é uma coisa folclórica, e sim informação e comunicação. Cantador cria todos os dias. Há aqueles que cantam e escrevem; no meu caso, só canto. Meu pai cantava e escrevia. Cantoria existe todo ano, nos nove estados nordestinos. Tem todas as semanas. Cantoria é uma coisa ativa e não passiva. É arte, comunicação, música. Levou a informação onde não havia. Ser cantador é uma coisa emocional. Cantoria é uma coisa que sofre transformações. Que tem em todas as manifestações locais; do sertão ao brejo, na caatinga, no Pajeú, em todos os recantos. A arte do repente dá o apoio psicológico ao artista (informação verbal<sup>6</sup>).

O poeta Ivanildo Vila Nova participou de eventos importantes, como festivais, palestras, congressos e cantorias, reunindo grande público por onde se apresenta. Destarte, em seu depoimento, ele mostra que existe um trabalho digno de nota sobre o repente em vários estados nordestinos. Esse trabalho realizado pelos

---

<sup>6</sup> VILA NOVA, Ivanildo. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por Ivanildo Vila Nova sobre a arte do repente [17 nov. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

repentistas através de congressos, cantorias e palestras visa a conscientizar jovens e adultos sobre a importância do repente nos mais diversos eventos que promove, e, ao mesmo tempo, incentivar e transmitir a arte do repente para as futuras gerações.

FIGURA 01: Ivanildo Vila Nova.



Fonte: <[www.google.com](http://www.google.com)>.

Ao desenvolver a arte do repente, Ivanildo Vila Nova mostra não querer ser apenas mais um no cenário da poesia. Refletindo sobre seu trabalho, o poeta assinala que

há quarenta anos atrás, a cantoria era amadora, onde o compromisso era apenas com o divertimento e a boemia. Depois, aconteceu a profissionalização, a elevação do cantador à categoria de artista. E, ao sair do sertão para ganhar espaço nos grandes centros, a arte do repente estaria fadada à extinção (informação verbal<sup>7</sup>).

Poetas como Ivanildo Vila Nova e Zé Laurentino não deixarão a arte do repente desaparecer, por se tratar de um bem cultural importante para a nossa sociedade. Tendo em vista que ambos os poetas utilizam sua arte para valorizar essa cultura e, ao mesmo tempo, perpetuá-la na memória e na história do povo nordestino para as futuras gerações e para todos aqueles que admiram a arte do repente.

Nascido em Caruaru-PE, em 13 de outubro de 1945, o poeta repentista Ivanildo Vila Nova cresceu acompanhando seu pai, o famoso cantador José

<sup>7</sup> VILA NOVA, Ivanildo. **Entrevista semiestruturada.** Entrevista concedida por Ivanildo Vila Nova sobre a arte do repente [17 nov. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

Faustino Vila Nova, pelas noitadas de cantoria. Se a vida do repentista naquela época era extremamente espinhosa, para um menino, então, o sacrifício era extremo.

Porém, com a ascensão de Ivanildo Vila Nova e dos cantadores de sua geração (Geraldo Amâncio, Moacir Laurentino, Sebastião Dias, Severino Ferreira e Sebastião da Silva, entre outros), abriram-se fronteiras. O trabalho dessa geração saiu do sertão para a cidade, saiu do Nordeste para outras regiões, chegando até a outros países. Ivanildo Vila Nova tem 52 anos de carreira como repentista e ainda permanece se dedicando exclusivamente ao repente. Conhecido como formidável cantador de viola, o porta continua seu depoimento:

Comecei minha vida de repentista aos doze anos, viajando com meu pai e outros cantadores. Pois, antes, eu era comerciário. Além de estudar, vendia jornal e revistas e ainda entregava pão. Depois de seis anos de cantoria foi que virei profissional. Sou de família de repentistas. Tanto meu pai quanto meu tio eram repentistas e me incentivaram desde criança a ser poeta (informação verbal<sup>8</sup>).

Essa história mostra, além das memórias da vida de Ivanildo Vila Nova, o amor pela arte do repente. Ademais, através de suas origens e do incentivo de sua família, o poeta revela como herdou a arte do repente. José Laurentino da Silva, por sua vez, discorrendo sobre sua vida e arte, afirmou:

Tenho 71 anos, sou funcionário público, paraibano, nascido numa pequena cidade chamada Puxinanã. Hoje sou um dos poetas mais conhecidas do nosso estado. Moro na cidade de Campina Grande com minhas filhas. Me chamo Zé Laurentino por opção mesmo, é meu nome poético. Digo sempre que nasci com a poesia nas veias. Pois, aos dez anos de idade, eu já fazia poesia (informação verbal<sup>9</sup>).

Zé Laurentino só passou a exercer profissionalmente a carreira de poeta cantador a partir de 1974, quando passou a se desenvolver como poeta declamador. No tocante à sua arte, o poeta assim se pronuncia:

---

<sup>8</sup> VILA NOVA, Ivanildo. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por Ivanildo Vila Nova sobre a arte do repente [17 nov. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

<sup>9</sup> SILVA, José Laurentino da. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por José Laurentino da Silva sobre a arte do repente [05 out. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).



Cito aqui alguns de meus poemas de grande destaque: *Eu, a cama e a neblina* e *O matuto e o doutor*. Estes dois poemas se tornaram clássicos em nossa cidade. Foi a partir destes trabalhos que comecei a ganhar dinheiro com poesias, recitais e até palestras (informação verbal<sup>10</sup>).

Em suas obras, Zé Laurentino declama as coisas do Nordeste e, principalmente, fatos do cotidiano de sua vida passada e presente. Apesar da idade, este homem forte e determinado demonstra muita sabedoria. Em sua ótica,

para ser poeta, além do dom, é preciso ser muito inteligente, ter muita prática, muita agilidade de comunicação e, principalmente, ter boa memória para memorizar os motes. Mote, na linguagem do repente, é o verso ou conjunto de versos que é utilizado como desafio poético. Por isso, uma expressão muito comum entre os poetas é “glosar o mote”. O mote, para ser glosado, é preciso ser seguido, cantado e escrito dentro do tema que é dado (informação verbal<sup>11</sup>).

Conhecido como o “Poetinha”, Zé Laurentino já participou de vários eventos importantes em Campina Grande, inclusive como paraninfo geral das turmas de concluintes do campus I da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, semestre 2009.2). Isto significou muito para ele, como também para seus familiares. Homenagem merecida, pois, desde a infância, ele já tinha contato com o mundo da poesia. Influenciado primeiramente pelos próprios pais, conforme citado anteriormente, o poeta elucida: “minha mãe cantava e meu pai trazia folhetos de cordéis para casa e lia para mim” (informação verbal<sup>12</sup>).

---

<sup>10</sup> SILVA, José Laurentino da. **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida por José Laurentino da Silva sobre a arte do repente [05 out. 2014]. Entrevistadora: Ana Lúcia Cunha. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (120 min.).

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Ibidem.

FIGURA 02: Zé Laurentino.



Fonte: <[www.google.com](http://www.google.com)>.

Quando o poeta se mudou para Campina Grande, passou num concurso público e tornou-se funcionário do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social). Mesmo assim, após esta nova fase de sua vida, nunca deixou a arte do repente. Em declaração recente, ele afirmou que a poesia faz parte de sua vida e que não se imagina destituído do ofício poético. Segundo ele, não procura os poemas; eles é que batem à sua porta. O poeta assevera ainda que nunca quis ganhar dinheiro com poesia e pratica essa arte por apreço e por sentir prazer em fazê-la.

A carreira de Zé Laurentino acumula nove livros publicados. Seus *Versos Feitos na Roça*, a *Coletânea poética de José Laurentino* e cinco CD's gravados estão todos esgotados. No início de sua carreira, o poeta escrevia cordéis feitos por encomenda para políticos. Entre seus diversos trabalhos realizados, constam ainda um vinil e dez CD's de poesias declamadas. José Laurentino tem trabalhos hoje gravados por mais de dez poetas; entre eles, o apresentador Rolando Boldrin.

José Laurentino participou de programas de televisão importantes voltados para a arte do repente. Entre eles: na TV Globo, do programa Som Brasil; na TV Record, do programa Raízes de Saulo Laranjeira e, na TV Cultura, do programa de Inezita Barroso - Viola, Minha Viola.

Percebemos, em nossa pesquisa, que o trabalho destes poetas é significativo para a cultura popular, posto que exista um público fiel à arte do repente, que jamais permitirá que esta arte se extinga. Isto porque, como os poetas afirmam, as apresentações, os festivais, os congressos e a própria cantoria vão onde o seu pública está.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, esperamos ter contribuído para a reflexão acadêmica em torno da legitimidade do repente e de seu papel cultural na sociedade paraibana e nordestina. Podemos dizer que aprendemos um pouco sobre essa belíssima arte que é o universo do repente.

Os poetas José Laurentino e Ivanildo Vila Nova construíram, em sua carreira de poeta, uma história de vida bastante relevante para as futuras gerações, pois o maior legado destes artistas é a produção que desenvolveram sobre o repente.

Através de apresentações, congressos, participações em festivais e em veículos de comunicação como o rádio e a TV, como também da promoção de eventos para jovens e adultos, os poetas José Laurentino e Ivanildo Vila Nova dão sua contribuição para o mundo da poesia e do repente.

#### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Mauro Barreto de Araújo. **Voz, viola e desafio: Experiências de repentistas e amantes da cantoria nordestina.** São Paulo: [s.n.], 2010.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens.** 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FGV CPDOC. **Entrevistas para download.** Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/entrevistas>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2. ed. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** 1. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1990 (Coleção Repertórios).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008 (Coleção História & Reflexões; 5).

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Memória, Esquecimento, Silêncio**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1989.

SAUTCHUK, João Miguel Manzolillo. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Brasília: [s.n.], 2009.

\_\_\_\_\_. **A poética cantada: investigação das habilidades do repentista nordestino**. 2009. 160f. Tese (Doutorado em História) - Brasília, Universidade de Brasília.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Pérolas da cantoria de repente em São José do Egito no Vale do Pajeú: memória e produção cultural**. 2011. 288f. Tese (Doutorado em História) - João Pessoa, CCHLA, Universidade Federal da Paraíba.